

# Lemgruber explica pacote a credores

**Brasília** — Acompanhado de dois assessores, o presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber, amanhece hoje em Nova Iorque, para explicar os detalhes do último pacote econômico aos banqueiros credores do Brasil. Segundo um técnico do Banco Central, ainda não é o reinício das negociações com os bancos, pois Lemgruber volta hoje mesmo, à noite, para Brasília.

Além de Lemgruber, integram a missão, o diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas, e o chefe do Departamento de Câmbio, Gilberto de Almeida Nobre, dois veteranos nos contatos com o comitê assessor dos bancos credores, cuja principal estrela é William Rhodes, vice-presidente do Citibank.

A reunião não deve ser vista como uma retomada das negociações com os credores privados do país, pois, como explicaram no Rio, assessores de Lemgruber, "trata-se de um encontro de rotina". O presidente do Banco Central brasileiro se comprometeu a visitar os banqueiros, mensalmente, para fornecer-lhes informações sobre a economia do país, enquanto o Brasil não entrar em entendimentos com o Fundo Monetário Internacional e estiver em vigor acordos provisórios com os bancos.

## ASSUNTOS

Durante sua exposição aos credores internacionais, Lemgruber falará sobre três assuntos: o desempenho da economia no segundo trimestre do ano, as medidas que foram adotadas pelo Governo para conter o déficit público e os termos de negociação que serão aceitos pelo Brasil para fechar o acordo definitivo de reescalonamento plurianual da dívida externa. No tocante ao segundo trimestre, as notícias serão boas, pois o comportamento dos agregados macroeconómicos foram favoráveis, a não ser no que diz respeito à dívida pública interna em títulos federais.

Quanto ao corte no déficit público, Lemgruber vai anunciar que uma revisão feita nas contas governamentais, este ano, através de emissão de moeda e venda de títulos, era menor do que se pensava. Com o corte nas despesas e o aumento da arrecadação fiscal, por meio da antecipação de recolhimentos e cobrança de impostos, restam Cr\$ 49 trilhões a serem financiados, sendo que Cr\$ 24,5 trilhões serão cobertos pela emissão de moeda e Cr\$ 24,5 trilhões pela venda de títulos. Nas contas anteriores, faltavam cerca de Cr\$ 54 trilhões a serem financiados.

Pontos que o Brasil não vai abrir mão na negociação com os bancos e que serão lembrados por Lemgruber são a obtenção de um spread mais baixo (taxa de risco); o estabelecimento de um fórum (local apropriado) para a discussão de pendências jurídicas; a possibilidade de que haja a tomada de dinheiro novo, caso seja necessário, e o reemprestimo interno das amortizações da dívida que serão renovadas. Além disso, o Brasil não quer aceitar o pedido dos banqueiros de que haja, nos próximos anos enquanto estiver em vigor o acordo plurianual, o monitoramento permanente do FMI.

## BALANÇO DE PAGAMENTOS

Uma outra notícia positiva que o presidente do Banco Central levará ao Comitê de Bancos será a de que as projeções sobre o balanço de pagamentos foram revistas e indicam um resultado melhor. O superávit comercial, que estava estimado em 11,7 bilhões de dólares, a partir de uma nova estimativa, deverá atingir 12 bilhões de dólares. O déficit na conta de serviços se reduziu para 13,7 bilhões de dólares, as transferências unilaterais, para 750 milhões de dólares e, com isso, o déficit em conta corrente tende a ficar em 1,6 bilhão de dólares. Com a conta de capital devendo ficar negativa em 1 bilhão 931 milhões de dólares, o balanço de pagamento deverá apresentar este ano um superávit de 331 milhões de dólares.

Na primeira previsão feita pelo BC, o balanço apresentava déficit de 100 milhões de dólares e na segunda, superávit de 137 milhões de dólares. Agora o superávit subiu para esses 331 milhões de dólares, por causa, principalmente, de nova projeção do superávit da balança comercial.

O presidente do BC estará no Brasil amanhã de manhã, ficando apenas um dia útil em Nova Iorque. No dia 29 ou 30 deste mês, viajará de novo, indo à Espanha. Os banqueiros espanhóis são os que mais têm resistido a assinar acordos provisórios com o Brasil, e Lemgruber pretende conversar com eles pessoalmente, a fim de reduzir a resistência.